

Poder político nos estados pré-coloniais Ambós (Cuamátui e Kwanyama) e a estratificação social no Kunene: uma abordagem comparativa

Marcelino dos Santos Guilherme 

Resumo

As questões aqui trazidas visam efetuar uma análise comparativa entre o Poder Político e os sistemas de estratificação social desde os Estados pré-coloniais ao atual território que hoje chamamos de Angola concretamente na Província do Kunene, identificando os fatores que influenciam a mobilidade social de determinadas classes em detrimento das outras. É comum recorrer a história para perceber de que forma as vivências anteriores as nossas, influenciam as dinâmicas sociais. África continua a ser um continente pouco produtivo em termos de conhecimentos científicos endógenos, daí que urge a necessidade de pesquisas que visam perceber até que ponto temos sido influenciados pelas formas de vivência dos nossos antepassados. Temos aqui uma abordagem comparativa sobre os aspectos históricos e políticos do exercício do poder nos Estados pré-coloniais Ambós SIGNIFICADO? que têm influenciado o sistema de estratificação social no Estado Nação.

Palavras-chave: Poder, Estratificação Social, Estados Pré-coloniais, Ambó, Kunene.

Political power in the ambos pre-colonial states (Cuamátui and Kwanyama) and social stratification in Kunene: a comparative approach

Marcelino dos Santos Guilherme

Abstract

The issues here brought aim to make a comparative analysis between the political power and systems social stratification since States pre-Colonial the current territory that now call Angola particularly in the province of Kunene, identifying the factors that influence the social mobility of certain classes at the expense of others. It is common use the story to realize that form the experiences prior to ours, influence the social dynamics. Africa remains a continent little productive in terms of scientific knowledge endogenous, hence urges the need for research aimed at realizing the extent to which we have been influenced by forms of experience of our ancestors. We have here an approach comparative on the historical aspects and political the exercise of power in the States Pre-Colonial both who have influenced the system of social stratification in the state nation.

Keywords: Power, Social Stratification, States Pre-Colonial, Ambo, Kunene.

Introdução

Os aspectos histórico-culturais muitas vezes influenciam as nossas vivências, daí a necessidade de uma pesquisa aos Estados pré-coloniais Ambós para o aprofundar deste entendimento. Efetuamos uma abordagem comparativa entre as formas de ascensão ao trono nos reinos pré-coloniais Ambós e as formas de mobilidade ascendente atualmente no mesmo território. A colonização trouxe como consequência uma ruptura às formas culturais tradicionais, havia uma obrigatoriedade do abandono a cultura local para uma cultura "civilizada" ocidental.

Levantamos pressupostos elucidativos para elevar a compreensão do leitor sobre as formas de mobilidade social em dois reinos do Kunene pré-colonial (Cuamátui e Kwanyama) para perceber se o que chamamos hoje de nepotismo está relacionado as formas tradicionais de se alcançar o poder.

É urgente a necessidade da compreensão deste fenómeno se quisermos entender e evitar os conflitos existentes decorrentes das formas de ascensão baseadas no parentesco. Este recuo histórico visa facilitar a implementação de políticas de desenvolvimento que respeitam os aspectos culturais locais. Este artigo encontra-se dividido em três partes. Começaremos por abordar a problemática ligada a diferentes formas de poder e suas ligações com a estratificação e a mobilidade social, posteriormente vamos falar sobre a condição e origem dos Estados pré-coloniais Ambós, exercício do poder político e sucessão nestes Estados. No fim, o foco da apresentação cingir-se-á nas formas atuais de ascensão social na Província do Kunene, levantando questões sobre o parentesco e a meritocracia.

Na consulta de documentos diversos notámos que existem duas grafias aceites para o nome da Província: Cunene e Kunene. De modo a evitar confusões, optamos por utilizar aquela que acarreta um simbolismo antropónimo, o termo Kunene.

Poder, Autoridade e Dominação

Para que se possa ter o domínio de uma dada comunidade é crucial que se exerça um determinado poder sobre ela por parte de quem governa. A forma do exercício de poder varia em diferentes contextos históricos, mas sempre funcionou como ferramenta para fazer vincar os desejos das ideologias dominantes sobre as dominadas.

Abrimos aqui uma ampla discussão sobre as diferentes formas de exercer o poder, trazendo à baila questões ligadas a autoridade e a dominação como sendo as ferramentas usadas para fazer vincar as ambições humanas.

"A obediência se presta não aos indivíduos, mas à regra, que se conhece competente para designar a quem e em que extensão se há de obedecer", (ARAÚJO, 2010, p. 2). Esta obediência sobrevive em muitos casos pela instauração do medo, devido as sanções impostas

aos desobedientes, mas nem sempre o poder é exercido pela força.

A tipologia do poder praticado em África nos estados pré-coloniais é essencialmente o que Weber denominou de patriarcalismo. Weber classifica este poder de estável, pela estabilidade do meio social, pela existência de uma dependência direta do aprofundamento da tradição na consciência coletiva,

Na dominação carismática, a autoridade é exercida pelo carisma do indivíduo pelas suas características extraordinárias. "Sendo este o poder carismático que o profeta exerce, ou no domínio político, chefe de guerra eleito, o soberano, o grande demagogo, ou o chefe de um partido político. (WEBER cit. por ARAÚJO, 2010, p.2).

Antes da chegada das autoridades coloniais, Kunene vivia dividido entre diferentes Estados e cada um controlado por um soberano que tinha no povo a sua fonte de dominação. "O cargo do soberano" é o objetivo para o qual lhe foi confiado o soberano poder, nomeadamente a obtenção da segurança do povo, (Hobbes cit. por Heck, 2007). O exercício deste domínio nem sempre foi exercido de forma autoritária, sendo muitas vezes o carisma o vetor deste exercício soberano.

Weber, (1974, p. 211) cit. por Lemos (2012), entende o poder como sendo a possibilidade que um homem, ou um grupo tem de realizar sua vontade a uma dada comunidade, em muitos casos contra a resistência dos membros da comunidade. Esta abordagem é crucial para a compreensão dos fenômenos ligados a diferentes formas de estratificação social dos Estados pré-coloniais a hodiernidade por ser o enfoque deste artigo.

Os sistemas de classe e a mobilidade social

A estratificação social em termos simples pode ser entendida como a separação da sociedade em grupos que oferecem características semelhantes. A relação social é estabelecida pelo comportamento plural de indivíduos que auto regulam suas condutas, (FREUD, 1987, p. 90 cit. por LEMOS, 2012). Nesta perspectiva, a forma do exercício do poder pelos soberanos no período pré-colonial era exercida para os diferentes súbditos em função do estrato que eram pertencentes.

Esta separação em camadas com características semelhantes visa a conformação dos indivíduos de acordo a posição (estrato) que ocupam. A separação é inevitável e na medida que se evidenciam os estratos, as questões ligadas as oportunidades se tornam cada vez mais evidentes, sendo possível determinar a posição de classe de um indivíduo hoje em função de seu estrato. O modo de estruturação de qualquer ordem social influencia a distribuição de poder ou da economia, dentro de cada sociedade (LEMOS, 2012).

Se a mobilidade social é determinada pelo estrato, é crucial entender também as

castas enquanto fenômeno da distribuição de poder dentro de uma comunidade.

Analizando a determinação da posição social de cada casta, nos apercebemos que a posição do indivíduo é determinada pela distância social e mágica em relação às demais categorias analíticas como religião, cor, raça, linhagem, hereditariedade ou ocupação. Estes norteiam consciente ou inconscientemente os atores comunitários, onde a ação dos grupos está submetida à vontade divina e suas condutas baseiam-se na socialização por meio da coerção religiosa com a imposição da “vontade divina (WEBER, 1972 cit. por LEMOS, 2012).

Ao aprofundarmos a pesquisa relativa as formas de sucessão nos Estados Ambós, notamos uma correlação com os sistemas de castas. Trazemos para a compreensão outra forma histórica de mobilidade social, também conhecida por classe. Nas sociedades de classes fica subjacente o fator competitividade, onde os atores lutam entre si para atingirem os meios de produção, se tivermos como base a visão Marxista de classe. Nestas sociedades os indivíduos também estão previamente marcados pela proveniência (Proletários e capitalistas).

Esta separação de classe ganha visibilidade nos Estados pré-coloniais Ambós, em que os soberanos eram geralmente detentores de grandes propriedades nomeadamente gados e grandes extensões territoriais de cultivo, onde indivíduos da mesma linhagem uterina lutavam entre si para alcançar o poder.

Condição e origem dos estados pré-coloniais Ambós

Depois de um exercício elucidativo sobre conceitos de poder, estratificação e mobilidade social, para facilitar o entendimento do foco da pesquisa, vamos finalmente entrar nas questões profundas sobre o tema em análise.

Estados pré-coloniais entendem-se como sendo aqueles que antes da chegada do colono tinham já uma estrutura organizada capazes de responder aos desafios que na altura lhes eram impostos. A dificuldade que estudiosos africanos e não só, têm enfrentado, é o facto se ter registado poucas fontes escritas sobre as ocorrências nestes Estados, sendo neste contexto o recurso a oralidade como alternativa para a reconstituição da história africana.

O enfoque deste artigo são Estados pré-coloniais existentes no grande grupo etnolinguístico Ambó. Este grupo compreende ao todo doze (12) tribos, espalhados no Sul de Angola e Norte da Namíbia. “A terra habitada pelos Ambós situa-se no funil aberto para o sul, formado pelos rios Cunene e Cubango, abrangendo o espaço que vai do 16.º grau de latitude sul até à fronteira ou até perto do lago Etocha. [...] Nesta região se fixaram, é impossível dizer há quantos séculos, os povos bantos do grupo Ambó”, (ESTERMANN, 1960, p. 80).

As doze tribos compreendem: Cafima, Evale, Kwanyama, Cuamátui, Dombodola, Eunda, Colucatsi, Balântu, Cualuthi, Gandjela Cuambi e Dongas. Recorremos essencialmente

aos subgrupos kwanyama e Cuamátui (Ovambadja). A escolha destas duas tribos enquanto Estados pré-coloniais justifica-se por serem aqueles que sempre exerceram maior influência e constituem maioria étnica no território que hoje é a Província do Kunene. As fontes para o estudo da sua história revelam-se muito reduzidas em comparação, por exemplo, com o que sucede com o Reino do Kongo.

Várias lendas entram em cena na tentativa de explicar a origem da tribo Ambó. Apresentamos primeiro aquela que nos foi apresentada por Vossa Majestade Mário Satipamba, rei de Ombala de Onaluheke:

Na origem das tribos Ambós, está um Ancião de nome Naushona wa Nghombo, o também conhecido por Kasheya Nefete, que organiza um grande grupo de indivíduos, cuja actividade principal era caça. De entre estes, aparece então, um totem chamado Ovakwanelungi (os espertos), e mais tarde, se tornaram Ovakwanahungi (os que gostam do serão). Este Ancião, era proveniente da região de Oukwambi (hoje território Namibiano). Outros grupos, também em paralelo vindos, do actual território Namibiano entraram em cena nos séculos XVIII/XIX, juntando-se, nesta grande mata com um outro subgrupo chefiado por Mushindi wa Kanene, que, caminhando para o Leste, tornar-se-ia então, o primeiro Rei dos Ovakuanyama, organizando os subgrupos, em Estados. Porém, todos provenientes do actual território Namibiano (Ancião Joseph Shipepe+)⁴⁴

Outra versão nos foi apresentada pelo Pe. Estermann (1960, p. 81), que pretendia explicar o nome Ova-kwa-nyama (os da carne) da seguinte forma:

Uma pequena parte da tribo Donga deslocou-se para a floresta situada ao norte, à procura de víveres. Tendo encontrado em abundância carne e peixe, resolveu fixar-se aí. Quando o soba se apercebeu da invasão, orientou que regressassem a procedência, estes por seu turno rejeitaram, o soba acabou por dizer: «Deixei-os lá ficar com a sua carne. »

Outra versão do Pe. Estermann, tem algumas semelhanças com aquela retirada dos escritos de Rei Mário Satipamba, e diz o seguinte:

Um grande caçador de nome Mussindi, veio com a sua tribo (Ova-inga ou vatwa), do baixo Cubango, até a terra que hoje é o centro tribal dos Cuanhamas. Ova-inga não possuíam gado nem cultivavam a terra, tendo encontrado um grupo de criadores de gado denominados Vakwanangobe (os do gado bovino). Estes tiveram origem do lado do Humbe. Vakwanangobe não costumavam chorar publicamente os seus mortos, como faziam os outros. Um dia, tendo os maiores dos credores de gado saído de sua Ombala para uma excursão, os vatwa penetraram nela e, assim que os Vakwanangobe se aproximaram, de volta, estes começaram a chorar e a gritar como se tratasse de um óbito. Ouvindo os gritos, ficaram cheios de medo e fugiram, enquanto os vatwa se apropriaram das manadas e se tornaram nos novos proprietários

44 Dados fornecidos pelo atual Rei de Naluheke, Vossa Majestade Mário Satipamba (“Nailenge ya Kashinghola”)

das terras. Tendo os Vakwanangobe denominado estes de Ova-kwa-nhali (os do choro dos mortos) (ESTERMANN, 1960, p. 81).

Teixeira (2014) entende que os antecedentes históricos destes Estados ainda permanecem um mistério para os investigadores, mas apresenta uma fonte que converge com algumas apresentadas acima, segundo a qual Ovakwanyama descendem de uma mistura de sociedades de caçadores e pastores que terá emergido na região do Sul de Angola e Norte da Namíbia. Dessa mistura de povos teriam surgido os Ambó, de entre os quais se sobressaem os subgrupos dos Kwanyamas e Cuamátuis (Ovambadja), como os mais numerosos.

Os dados acima apresentados, apesar de carecerem de confirmação, levam-nos a crer que possivelmente os povos Ambós surgem da fusão de povos caçadores provenientes do hoje território namibiano e pastores de proveniência por confirmar.

Os Cuamátui mantiveram a continuidade do reinado, hoje o Cumátui grande conta com o seu soberano Vossa Majestade Mário Satipamba (“Nailenge ya Kashinghola”), ao passo que o reino Kwanyama infelizmente até a presente data não tem uma linha sucessora ou não manteve o reinado no lado de Angola, sendo que apenas na Namíbia se pode encontrar a continuidade do reinado, trata-se de Vossa majestade Marta Mwadinomo com residência fixa no Omedi (Norte da Namíbia), onde podemos encontrar a sua Ombala.

A resistência dos povos Ambós é reconhecida nos manuais de vários historiadores que debruçam suas abordagens a respeito destes povos, daí a justificação talvez destes serem os últimos Estados pré-coloniais do território angolano a serem tomados pelo colono. “A região dos Ambós ficou desocupada durante muito tempo pelos Europeus, mesmo depois de estes se terem já estabelecido na costa e em certos pontos do interior” (ESTERMANN, 1960, p. 78). Perturbações internas e externas estiveram sempre presentes entre estes povos, sendo confusões internas responsáveis pela origem de várias Mukundas⁴⁵.

Parece ter sido recorrente o facto de que entre os chefes mais velhos dos eumbos e das libatas, surgissem chefes que tentavam superiorizar-se aos demais. Quando um desses chefes conseguia governar vários libatas e/ou mukundas, o seu eumbo, passava a ser designada como embala (OLIVEIRA, 2011, cit. por TEIXEIRA, 2014, p. 53)

É o emergir de uma figura central detentora de todo o poder e que determinava a selecção de seus omalengas⁴⁶. Do confronto entre comunidades e da sobreposição de poderes emergiu a figura de rei, ou chefe entre os chefes. Este era responsável pela organização e controlo de todas as comunidades dentro do seu território (OLIVEIRA, 2011, cit. por

⁴⁵ Uma mukunda é um conjunto geograficamente delimitado de libatas, governadas por um sekulo. (Neto, 1963: 64). cit. por Teixeira (2014).

⁴⁶ Ministros ou chefes das tropas

TEIXEIRA, 2014, p. 53).

Poder político e sucessão no estado de Onaluheke

Abrimos aqui um debate síntese sobre as formas de ascensão ao trono no Estado pré-colonial de Onaluheke (Cuamátui grande), que possivelmente nos levarão a compreensão do fenómeno hoje apelidado por nepotismo.

Visando a compreensão do leitor, convém sublinhar que as vias de sucessão dos povos Ambós obedeceram sempre ao parentesco. Para descrever os diversos graus de parentesco dos Ambós, deve-se entender que para estes povos só existe consanguinidade propriamente dita pelo lado uterino (ESTERMANN, 1960).

Não pretendemos fazer uma apropriação da verdade, apenas alguns recortes históricos de fontes escritas e orais, algumas extraídas de apontamentos do actual Rei de Ombala ya Naluheke, Vossa Majestade Rei Mário Satibamba (“Nailenge ya Kashinghola”) em seu ensaio intitulado “conheça Ombala Ya Naluheke”. Fruto de uma recolha histórica a anciões da região, o Rei apresenta as formas de sucessão dos reinos de “Ondago ya Kadila” nome que o mesmo prefere preservar do território que hoje é conhecido de Ombadja, com duas divisões administrativas indivisíveis:

1. Ombala de Onaluheke (Ombala-ya-Naluheke); e
2. Ombala de Omungu (Ombala-yo-Mungu).

Apresentamos a seguir uma cronologia dos diferentes Reis que governaram Ombala-ya-Naluheke:

1-Neendu la Hangula: o fundador da 1ª Ombala em Omatunhu; 2-Ha Ha Ha; 3-Mwengwaengwa; 4-Namunuka; 5-Handjaba ya Upuwa; 6-Hohwela; 7-Moongela-wa-Shingeya; 8-Shon'mhala; 9-Kalipi-ka-10-Hashitumbo; 11-Fuma Lekuwa; 12-Naunyango wa Naipuluta; 13-Nambiga ya Shiwa; 14-Haikela ya Namanyungu; 15-Sekudja sha Hamakunde; 16-Shahula sha Hamadila; 17-Vaefeni-ya-Ndjebela; 18-Shikongo sha Mutumbulwa; 19-Justino Kambugu; 20- Mário Shatipamba “Nailenge ya Kashinghola” (Entronizado 25/09/2009).

Cronologia dos diferentes Reis que governaram Ombala-yo-Mungu:

1-Mhanda Itoma; 2-Ndeutala ya Kaponá; 3-Naikuva ya Hanghohi; 4-Hengobe la Haipondo; 4-Nambiga ya Kwalonda; 5- Shilula sha Haihambo; 6-Shatona sha Tuningilamo; 7-Longeinge ya Haikali; 8-Mukwashifa wa Haihambo; 9-Shihetekela sha Hiudulu; 10-Nakweenda Filemon ya Ndatipo; 11-Zeferino Shikufinde Shatona⁴⁷.

⁴⁷ Dados extraídos do ensaio de Vossa Majestade Rei Mário Shatipamba

Como conta o actual Rei de Ombala ya Naluheke, por volta dos anos 1880, os reis de Onaluheke pertenciam ao totem de Ovakwanehungi (os espertos) de grande subgrupo de Ambós, desde o início dos clãs, para depois passarem a chamar-se Ovakwanahungi (a linhagem dos reis de Ombala de Naluheke).

Pe. Estermann defende que os do Cuamátui grande eram originários do clã dos Ova-nwanelumbi, termo este oriundo do verbo Oku-lumbila, que significa empenar flechas. Ao passo que os do Cuamátui pequeno eram ova-kwanahungi que significa conversar depois do jantar (ESTERMANN, 1960, p. 151).

Fica aqui um ponto de divergência entre as duas fontes, em relação ao significado dos nomes e a necessidade de um melhor esclarecimento quando se referem de Cuamátui pequeno e grande. A meu ver, Pe. Estermann confundiu em alguns casos Cuamátui grande com Cuamátui pequeno.

Na perspectiva de Rei Mário Satipamba, um Ancião de nome Naushona wa Nghombo, proveniente da região de Oukwambi (hoje território Namibiano), destaca-se no seio deste povo, tendo organizado um grande grupo de indivíduos, cuja atividade principal era caça, daí a denominação “Ombadja de Naushona”.

Segundo conta, devido aos conflitos entre tribos, este subgrupo decidiu mudar a sua Ombala no Ohwelo (um pouco mais para o interior), sob liderança de Naunyango, filho de Naipuluta.

Naunyango, teria dois filhos Nambiga ya Shiwa e Haikela ya Namanyungu. Após a morte do pai (Naunyango), Nambiga ya Shiwa apodera-se do trono a força já que o sucessor seria, seu irmão.

Os dados de Rei Mário Satipamba defendem que esta situação provocou rivalidade entre os dois irmãos (Nambiga e Haikela), tendo Haikela abatido seu irmão Nambiga e ascendeu ao trono como previam as normas culturais, fundando assim, o reino de Onaluheke (no Ondago).

O Rei Haikela ya Namanyungu, governou pacificamente o seu povo apesar das ameaças portuguesas contra o seu território, chegando até à velhice, (SATIPAMBA, 2010).

Já velho, chamou os seus sobrinhos tais como: Mutukula wa Hauwanga, Sekudja sha Hamakunde, e Shudeni sha Shinana, e disse-lhes: “Eu já sou velho e vós sereis os meus olhos e os meus ouvidos na governação deste território”.

Tendo se apercebido da sua debilidade física, o rei convoca os seus sobrinhos na condição de futuros sucessores ao trono. Que fique bem claro que nesta convocatória foram essencialmente indivíduos da linhagem uterina. “Estes (3) três sobrinhos cumpriram escrupulosamente as ordens do tio até à sua morte em 1895.”

Sekudja sha Hamakunde, sucedeu o seu tio Haikela ya Namanyungu, ao trono, tendo

morrido pouco depois por perturbações mentais. Seguiu-se o célebre Rei Shahula-sha-Hamadila. o Soberano tinha cerca de 19 ou mais Omalenga (Comandantes), dentre os quais destacamos Kashiñhola ka Kautondokwa, pai de Mário Shatipamba, actual rei de Ombala ya Naluheke.

Os dados apresentados pelo rei Mário Satipamba convergem com dados do Pe. Duparquet, cit. por Pe. Estermann (1960), que apresenta de forma sintética os nomes dos últimos sobas do Cuamátui: Na Ombala de Onaluheke (Cuamátui pequeno) passaram os reis Haikela, que teve como sucessor Sakutia⁴⁸, que por sua vez foi seguido por Sakhula⁴⁹; Na Ombala de Omungu (Cuamátui grande) passaram os reis Satona, Oikhula e Sihetekela, "A sucessão se conformava às mesmas regras que a herança: de irmão para irmão mais novo, ou por falta deste, para o sobrinho, filho da irmã mais velha" (ESTERMANN, 1960, p. 151).

As formas de ascensão ao trono não dependiam da bravura do guerreiro ou simplesmente da vontade da comunidade, tinha de ser essencialmente um indivíduo da linhagem que tinha o legítimo direito de ascender ao trono.

Os monarcas em geral desconfiavam dos legítimos herdeiros ao trono, devido a probabilidade de recurso a meios de apressar o dia almejado da sucessão e da desejada tomada de posse (ESTERMANN, 1960).

Poder político e sucessão no estado de kwanyama

Na consulta de documentos diversos notámos que existem duas grafias aceites para Kwanyama: Cuanhama e Kwanyama. Procuramos evitar confusões, optando por utilizar aquela que mais se evidenciou, o termo kwanyama.

A forma de sucessão deste grupo também obedece a linhagem matrilinear, tal como o direito de propriedade, a ascensão ao trono é regida pela lei do sistema uterino.

Apresentamos a seguir a cronologia dos diferentes Reis que governaram este Estado: 1 – Kavongeka; 2 – Kupuleko; 3 – Haitalamuvale; 4 – Hautolondo; 5 – Mutola; 6 – Sikumangwa; 7 – Hamungulu; 8 – Simbilinge; 9 – Haimbili (1863+); 10 – Haikukutu; 11 – Siefeni; 12 – Sipandeka (+1882); 13 – Namadi (+1885); 14 – Weyulu (+1904); 15 – Nande (+1911) e 16 – Mandume (+1917).⁵⁰

"O Rei delegava alguns dos seus poderes aos familiares, para que estes administrassem em seu nome dentro do território das mukundas⁵¹. Estes administradores eram designados de Omalenga" (MONTEIRO, 1994, p. 36, cit. por TEIXEIRA, 2014). Tanto os

⁴⁸ Sekudja sha Hamakunde

⁴⁹ Shahula-sha-Hamadila.

⁵⁰ Estermann (1960, p.78)

⁵¹ Uma mukunda é um conjunto geograficamente delimitado de libatas, governadas por um sekulo. (Neto, 1963: 64). cit. por Teixeira (2014).

reis como os administradores (Omalenga), deviam ser designados pela linhagem. Tal posição era tida como normal no seio da comunidade. Isto era tida como forma pacífica de manter a coesão social. Estermann (1960) defende que ainda assim, algumas vezes surgiam rivalidades e lutas pela sucessão na chefia das tribos entre irmãos ou primos uterinos.

Restringimos o sentido do termo «sucessão» às dignidades, tais como sobado e chefia de cantões, onde a lei matrilinear impõe-se. Sucede sempre um indivíduo do sexo masculino da linhagem uterina. Para a administração de um pequeno distrito, tolerava-se uma mulher de sangue real, uma princesa. No Kwanyama ficaram conhecidas as rainhas Nekoto (reinava perto de Namacunde) e Hanyanha (Reinava o Cuangáli, atualmente Hanyanha), (ESTERMANN, 1960, 169).

A sucessão fazia-se regularmente de tio para sobrinho, sempre dependendo do parecer do rei, se o herdeiro indigitado não fosse do agrado do soberano, passava a dignidade para outra família, (Estermann 1960).

Formas de ascensão no kunene: do parentesco a meritocracia

A sociedade moderna é caracterizada pela flexibilidade, instabilidade de pensamentos, crenças, relacionamentos. Tudo nunca se mantém, devido a intensa veiculação de informações a todo momento, que fazem as pessoas mudarem suas ideias e convicções, (BAUMAN, 2001).

Como foi visto acima, tanto no reino Cuamátui como Kwanyama, as formas de ascensão sempre foram por via da linhagem matrilinear, irmãos, sobrinhos ou primos uterinos do rei estavam pré-determinados a ascender ao reino.

Na entronização de um novo rei, até os conselheiros na sua maioria tinham de ser rapazes crescidos, geralmente filhos de pais fidalgos (ESTERMANN, 1960).

Neste território, desde os tempos passados tem havido formas de discriminação daqueles indivíduos de outras proveniências. Os reinos dos diferentes Estados Ambós reprimiam fortemente as tribos rivais, e mais tarde reprimiram os estrangeiros europeus nas suas diferentes tentativas de ocupação colonial. Hoje existe um rótulo discriminatório que se atribui ao indivíduo de outras proveniências. Os mais conservadores têm rotulado aqueles que não são do Kunene como sendo "Mumbwelas"⁵², isto tem uma influência direta na estratificação social.

Daí ser possível identificar as possibilidades que nativos e indivíduos de outras proveniências têm de ascender a estrutura económica ou posição em relação ao poder.

Indivíduos que não sejam nativos têm tido hoje possibilidades maiores de ascensão

⁵² Mumbwela é o apelido atribuído aos indivíduos de outras proveniências.

decorrente do prestígio, que lhes tem valido um status adquirido. É ainda um tabu, mas devemos ter a coragem de falar abertamente que existe latentemente privilégios para os nativos e algumas barreiras ao não nativo. E dentre os nativos existem privilégios diferentes decorrente das tribos, e diferentes privilégios aos indivíduos da mesma tribo. As tribos majoritárias têm melhores privilégios em relação as minoritárias. Estermann (1960) entende que o clã dominante não teve necessariamente origem na própria tribo, é muito provável que em certos casos a família dinástica tenha vindo de fora. Daí que não se deve surpreender quando indivíduos de outras proveniências ascendem na escala da mobilidade social.

Fazendo uma abordagem mais holística, procuramos olhar para a realidade angolana enquanto Estado Nação. Identificamos quatro grandes períodos de mudança social: houve a passagem de Estados pré-coloniais para o Estado colonial, da colonização a independência, a transição do monopartidarismo ao multipartidarismo e posteriormente a transição da guerra ao alcance da Paz. Marcamos aqui como relevante a instalação da democracia, onde "todos" podem ter a possibilidade de ascender ao poder, diferentemente do monopartidarismo ou se quisermos recuar ainda mais, podemos considerar um ganho aos Estados monárquicos.

Aqui podemos abrir um breve diálogo com Satyohamba (2015) quando coloca em causa esta suposta "democracia", aparentemente diferente da monarquia: "Sendo os EUAs⁵³ a "melhor" Democracia do mundo, como é possível que as eleições desta suposta melhor democracia serem restritas as tradicionais famílias de poder? Como é que um país que vai à guerra para instaurar a Democracia nos outros países, tem como concorrentes às eleições um filho e irmão de ex-presidentes e uma Mulher de um ex-presidente? "

Estes questionamentos levantados pelo autor são o fio que nos poderão conduzir a um processo que se tem revelado um autêntico tapar o sol com a peneira. Se a melhor democracia do mundo tem demonstrado esta fragilidade nos supostos processos democráticos, em que prevalece a ascensão aristocrata, por que razão de tanto alarido as formas de ascensão no Kunene, em Angola e África em geral como sendo nepotismo ou familiarismo?

Quando em África um presidente propõe um membro de sua família ao poder é considerado antidemocrático, mas quando nos Estados Unidos da América-EUA, Jorge Bush filho, Hilary Clinton candidatam-se as presidenciais não se levanta questões de nepotismo ou antidemocracia.

Esta questão é aplicável a Província do Kunene e um pouco para Angola toda, em que se tem levantado muita discussão ligada as formas de ascensão como sendo antidemocráticas ou de caráter nepotistas.

A opção para a Juventude é a democracia, esta preferência não é bem percebida por

⁵³ Estados Unidos da América

esta franja que não entende que estruturalmente a democracia não é diferente dos outros sistemas (monarquia e aristocracia) (SATYIOHAMBA, 2015).

O que a África precisa é de facto a instalação da democracia ou devíamos repensar nas nossas formas tradicionais de ascensão ao poder e trazer abertamente discussões a este respeito?

Para Aristóteles, a aristocracia é o poder confiado aos melhores cidadãos, no sentido de possuírem melhor formação moral e intelectual para atender aos interesses do povo, sem distinções de nascimento ou riqueza. Para Platão, o termo aristocracia se fundia na virtude e na sabedoria. Caberia, portanto, aos sábios, aos melhores, aos aristocráticos, enfim, dirigir o Estado no rumo do verdadeiro bem. Para a juventude angolana, a aristocracia é uma forma de poder para indicar um estamento diverso da nobreza, e que se sobressaía pelos altos postos militares e por privilégios transmitidos hereditariamente (SATYIOHAMBA, 2015, p. 2).

O que tem ocorrido hoje a nível da Província do Kunene tem sido uma implementação sofisticada da aristocracia Aristotélica, em que se atribui a responsabilidade a aqueles indivíduos não só próximos ao poder, mas que depositam confiança a elite dirigente. Mas a interpretação a isto tem sido muitas vezes errada.

Os jovens sobretudo, acusam isto de nepotismo e arbitragem no que tem a ver com o direito de oportunidade e o acesso a cargos políticos e governamentais, (Satyohamba 2015). Esta incompreensão tem levado justamente a sociedade ao caminho que não respeita as particularidades históricas africanas.

Há uma necessidade de se perceber e evitar a discriminação daqueles que apesar de serem proveniente das classes abastadas, têm demonstrado potencialidades para atingirem posições sociais privilegiadas, ao mesmo tempo há uma necessidade de sofisticar as formas tradicionais de ascensão social, optando preferencial pelo conceito de aristocracia proposto por Platão.

A compreensão profunda desta temática pode ser uma ferramenta para se evictar as frustrações de certos segmentos da sociedade quando se deparam com uma situação semelhante, ao mesmo tempo que torna crucial a existência de um diálogo social aberto para a resolução destas incompreensões.

Considerações finais

Angola é um país do continente africano e todos sabemos disto, daí a necessidade de se obter uma abordagem que respeita as particularidades históricas. As políticas de desenvolvimento comunitário em África só terão sucesso quando respeitarem os aspectos antropológicos africanos e quando formos corajosos o suficiente e deixar de reproduzir as

práticas culturais ou jurídicas ocidentais.

Podemos concluir que, o que se tem apelidado como nepotismo ou familiarismo na Província do Kunene não deve ser interpretado numa única perspectiva. Devemos redefinir os conceitos para salvaguardar a harmonia social. A aceitação pacífica das formas do exercício do poder foi durante muito tempo o mecanismo que salvaguardou a harmonia social.

Enfrenta-se ainda barreiras para se alcançar o poder em decorrência das origens. Mas tais perspectivas têm sido cada vez mais obsoletas pela necessidade de indivíduos talentosos, rompendo-se então as tradicionais formas de mobilidade social, optando pela meritocracia.

Ficou claro nesta pesquisa que as formas de rejeição de indivíduos de outras proveniências são tão antigas quanto a constituição dos Estados Ambós, ao mesmo tempo podemos depreender que as elites dominantes não se reproduziram do núcleo central, sendo que supostos estranhos (Vatwa ou Ova-kwa-nhali) acabaram por tomar o poder político na antiguidade.

Referências

- ARAÚJO. N, F. **Diferentes definições de poder e dominação: repercussões na participação política envolvendo as relações de gênero, Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**. 2010.
- BAUMAN. Z. **Modernidade líquida**. Jorge Zahar Ed. 2001.
- ESTERMANN. C. **Etnografia do Sudoeste de Angola. Junta de investigação do ultramar**: Portugal, 1960.
- HECK. J, N. **Poder, autoridade e tradição**. Princípios, Natal, 2007.
- LE MOS. M, R. **Estratificação social na teoria de max weber: considerações em torno do tema**. Revista Iluminart, 2012.
- MARTINS. I, G. **Cuanhama: estratégias internas e prelúdio da perda da sua autonomia (1900-1915)**: dissertação mestrado em história. universidade de lisboa. Lisboa, 2015.
- SATIBAMBA. M. **"Conheça Ombala Ya Naluheke"**, 2010.
- SATYOHAMBA. A. **A Dupla Hélice da Meritocracia, O Ponto de insatisfação Marginal e Os Dez Manifestos de Satyohamba**. Luanda, 2015.
- TEIXEIRA. J, F, S. **Projecto de Centro Interpretativo da Cultura Kwanyama (Cuanhama)**. Universidade do porto. Porto, 2014.

Biografia Resumida

Marcelino dos Santos Guilherme: Professor, licenciado em

ISSN 2526-2882

Sociologia pelo Instituto Superior Politécnico Independente do
Lubango (ISPI), e Mestrando em Ensino da História de África
Contato: cubmarcelg@gmail.com